



Acervo NEAB ND

Iolanda de Oliveira

Livia Vidal¹

¹ Pedagoga, componente do Coletivo Mulheres de Pedra, Mestre em desenvolvimento, meio ambiente e sociedade pela ULg e UCL (Bélgica) e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF

Seção Aruanda

“Chão de terra, terra preta” (Jenyffer Nascimento)

O texto em homenagem à Professora Doutora Iolanda de Oliveira, orientadora de mestrado, para mim tem cor de terra fértil! Nem sei se se trata de fato de uma questão de cor, talvez seria o cheiro. Hum... acho que sinto, é isso, é mais do campo da sensação, textura, tato, contato... Acho que se trata disso, uma força e potência comparáveis a esse contato direto, esse tocar, afundar e misturar mão e pés com a terra.

Essa imagem da terra, essa sensação me remete a lembranças relatadas por ti e por mim imaginadas... a de plantar o cordão umbilical de cada recém chegado à família, a de aguar a terra com a água toldada das luvas femininas das filhas de sua casa, aquela em que brotavam raízes para alimentar.. Quantos cheiros e sensações. Vejo, sinto mãos marcadas de terra. Ah! Essas lembranças também têm som, o som do apito do trem! Vindo de longe, trazendo, na fumaça do café que acaba de passar, a notícia de quando o pai voltará...

Minha estada pela sua morada trouxe muito mais que lembranças lindas, por ti revividas, contadas, revisitadas, e por mim coloridas, de sua história de vida. A temporada de estudo e escrita em que recebi guarita em seu quintal foi terreno fértil de lembranças minhas, que agora compartilho aqui. Foram vividas sob a sombra da mangueira, cultivadas com o apreço entre temperos, ervas, pimentas e hortaliças da hortinha e cheirinho de chás.

Nossas trocas, nosso encontro e meu processo complexo e mudo passava pelo oculto desafio de grafar o papel com relatos, palavras e reflexões críticas acerca do trabalho que fazia. Falar, defender uma ideia na fala, travar uma luta com a palavra contada não temia, mas o papel vazio, o papel inteiro, infinito me parecia. Sabia, talvez sem saber dizer o quanto a escrita, a palavra escrita, seu valor e seu poder me pareciam distantes, uma montanha gigante a escalar, precisava chegar no pico, mas não possuía nem ferramentas, nem a técnica, nem a prática. Minha palavra escrita ainda pedia autorização para tornar-se autoria.

“As mulheres negras na diáspora não passam a escrever naturalmente”¹, me ampara bell hooks, educadora negra, norte americana. Convoco a essa homenagem escritoras negras, pretas que vivenciaram e enaltecem o valor e o poder da palavra escrita, seja a palavra poesia, seja a palavra resistentemente científica. Convoco guardiães da palavra, da grafia, pois como bell hooks mesmo pontua, esse é um reino sagrado. E sinto-me honrada e convocada a honrar sagradas rainhas.

Maria Firmina dos Reis é mais uma rainha, educadora maranhense que, no século XIX, assinava romances e poesias, pedia licença para, na condição de mulher, ousar adentrar esse território que, em tempo imperial, acreditava-se privilégio fálico, isso ainda não mudou. Negra, Firmina educou, alfabetizou, subverteu os castigos impostos no espaço do aprendizado, parte da didática daquele tempo, misturou sexos, raças. Era sabida, considerada até hoje representante sábia do mundo da palavra. Vejo-a assim, Professora Iolanda, guardiã da palavra, impulsionadora e feroz provocadora do educar, do pensar e do fazer.

1 hooks, bell. *Remembered Rapture: the writer at work*, 1999. Tradução de Kátia Santos, trecho do Prefácio.

Seção Aruanda

A guarita recebida, em janeiro deste 2017, foi um berço para minhas linhas, permitiu que as 166 páginas dissertadas fossem encontrando rumo e caminho para se deixarem ocupar. As palavras foram se alargando, se espalhando, encontrando espaço para se assentar. E mesmo aquelas que não ousava anunciar, temendo serem ousadas demais, devaneios sem fim. Afinal de contas “temos visões que devem ser protegidas e apreciadas, pois ainda estamos reivindicando nosso lugar em palavras” (hooks, 1999). Dar credibilidade apesar de todos os esconderijos e tropeços onde as escondia bagunçadamente, aqui, ali, por debaixo de todas as vestes de segurança, certezas, postura e fala reflexiva, crítica, devidamente encadeada.

Lá naquele quintal, à sombra da jovem mangueira, com pés e energias alinhadas em mergulhos no mar e caminhadas, descobrindo recantos de Itaipu. Ali, sob seus olhos e cuidados, aos poucos, cada vez menos tímida, jorrei. A terra, as palavras, raízes, memórias, árvores genealógicas que até então escapavam, iam encontrando esteio, amparo, e fincando suas bases mais sólidas. Como sinalizou minha mãe, chegou em minha roda mais uma mãe para amparar e cuidar, já que nossas vivências e necessidades são mesmo de coletividade.

E seus olhos, leio-os assim, me ativaram como fogo. Sim. Chamas que incendeiam, despertam, lambem, acendem, aquecem e queimam. Sim. Duas chamas vivas. Labaredas em chamas. Olhos de fogo, eu diria isso sobre as janelas de sua alma. Olhos que devoram e alimentam! Sou grata por ter sido capturada por eles, ter sido alimento para esse fogo, ter sido guiada e orientada por esses olhos que viam o que eu ainda não conseguia ler.

E fico alimentando minha fogueira imaginária, inventando, refazendo e recozendo, o como devia ser.. Como deve ter sido. Estudar, ser educadora, escolher um caminho profissional, lá nos idos inícios dos anos 60. Seguir, continuar, impulsionada pela incompreensão familiar, pela curiosidade pessoal, pela beleza das descobertas e pela potência de um pensamento que afirma, atua, demarca, desafia, avança, calcula, projeta. Uma menina negra, a filha do meio dentre dez irmãos. Trabalhando, estudando, trilhando um caminho tão inusitado quanto imprevisto.

Como assim do interior? Uma moça de família? Ah, sim! Iolanda, a filha da lavadeira? Como?

Outro tempo, outras terras, outras histórias previstas, outros destinos prescritos. Escreveu a sua própria. E tudo isso, só consigo imaginar... E não para, não. Não é só isso. Não para por aí.

Chegou no Rio de Janeiro? Sim! Veio lá de Três Rios, lá daquelas bandas, é de lá, de onde dizia ser o Vale dos Tambores! Veio completar a formação no campo da educação. Entrou até pra universidade! Aquela menina pretinha? Ah, sim! Já virou uma mulher!

Seção Aruanda

Hoje uma Doutora, possivelmente a primeira Doutora Preta, professora da faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Imponente! A academia a necessita. Necessita de muitas Iolandas, em todas as áreas, em todas as faculdades. Pensando, construindo e reinventando o estudo sobre nossas estruturas institucionais assentadas em história e práticas racistas cotidianas. Que a academia saiba reverenciar, apoiar e valorizar essa caminhada de construção e difusão de conhecimentos que nos tornam pessoas mais cuidadosas, cidadãos melhores, humanos deveras humanos e solidários. Que a educação seja consciente desse legado e saiba usufruir cada dia mais da bagagem consolidada pelo PENESB, instituição que torna concreto e visível um tanto deste seu trabalho.

Sabemos que nossa história contada daqui pra frente ainda precisa de conexão com terrenos sagrados distantes para se sustentar, para se amparar. Desejemos que o mundo esteja sustento e possa também nos amparar. Amparar nossos choros calados, nossos gritos abafados, nossas crenças massacradas, nossa cor pisoteada, nossos traços alvejados. Obrigada por apesar disso nos representar!

“A terra é negra. Ela se amassa com o pé. Ela é massapê. Um chão de cor muito escura formado há milhões de anos de decomposição do granito perdido na eternidade. Pedras que lentamente foram se transformando em um piso de argila, maleável e extremamente fértil, que faz de tudo brotar. Os pés nus que amassavam o massapê se confundiam com a cor da terra: preta. Ouro negro de barro, ouro negro de carne.” (Eliana Alvez Cruz,)